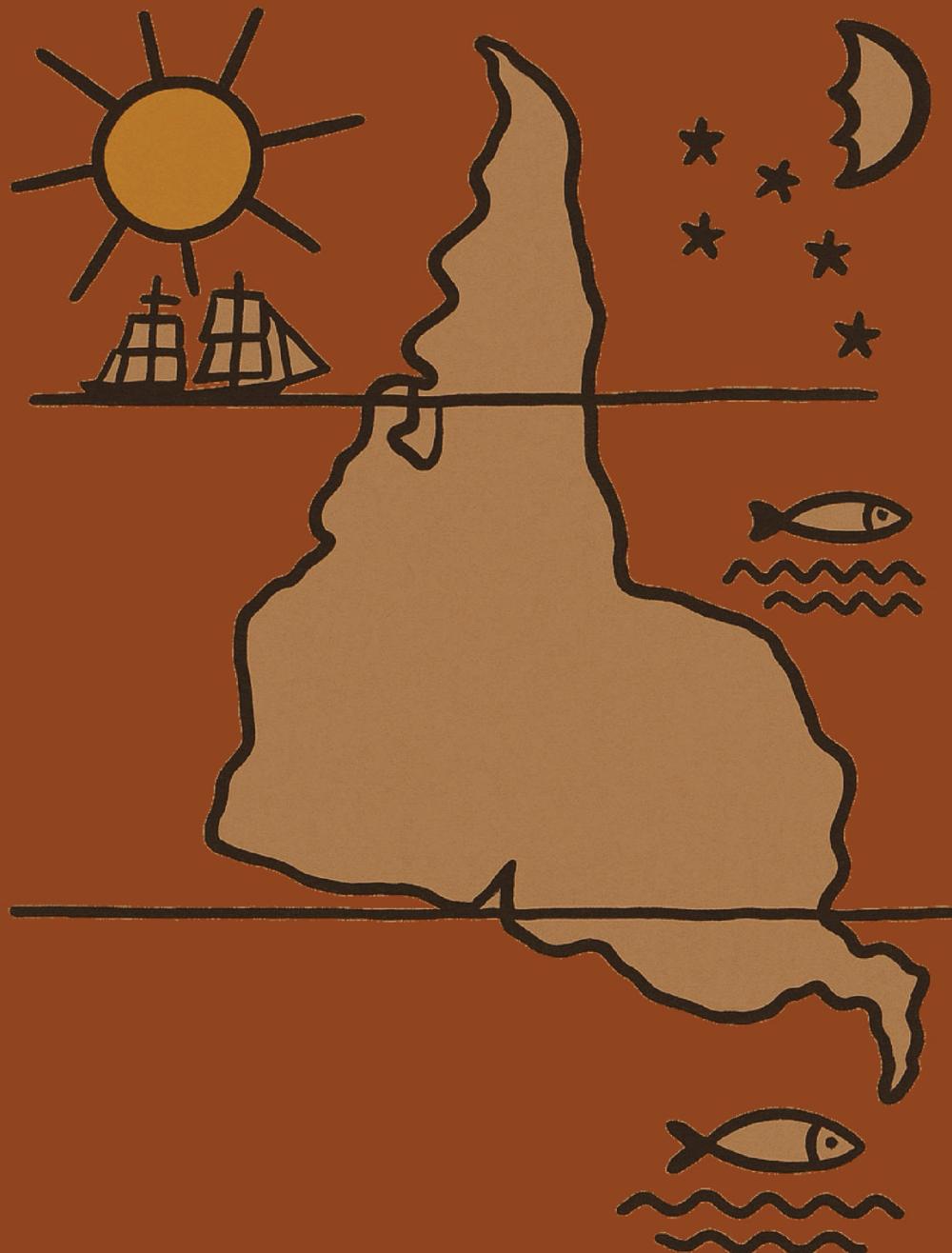


EDITORIAL

(RE)CONSTRUINDO METODOLOGIAS DE ANÁLISE DOS MOVIMENTOS SOCIOESPACIAIS E SOCOTERRITORIAIS NA AMÉRICA LATINA E CARIBE



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG)
Universidade Estadual Paulista (UNESP)
Presidente Prudente, São Paulo, Brasil



(RE)CONSTRUINDO METODOLOGIAS DE ANÁLISE DOS MOVIMENTOS SOCIOESPACIAIS E SOCIOTERRITORIAIS NA AMÉRICA LATINA E CARIBE

A presente edição especial da Revista Formação, intitulada "(Re)construindo metodologias de análise dos movimentos socioespaciais e socioterritoriais na América Latina e Caribe" é resultado de um processo de construção coletiva, comparada e internacional, que reúne pesquisadoras e pesquisadores na América Latina e Caribe. As origens da edição foram originadas em diálogos em distintos espaços acadêmicos e militantes, consolidados no interior de redes de cooperação internacional, como na Rede Brasileira de Pesquisas das Lutas por Espaços e Territórios (REDE DATALUTA) e no Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO).

Os projetos de pesquisa internacionais sobre as ações dos movimentos socioespaciais e socioterritoriais também foram espaços de troca de experiências. Dentre os exemplo, podemos mencionar o projeto "Movimentos socioterritoriais em perspectiva comparativa", iniciado em 2019 e financiado pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), por meio do programa de Internacionalização da CAPES-PRiNT, com coordenação do Prof. Dr. Bernardo Mançano Fernandes. A cooperação internacional se apresenta, nesse contexto, como elemento central não apenas do fazer e da articulação acadêmica, mas também da construção de alianças políticas, epistêmicas, teóricas e metodológicas.

Com base na experiência construída no âmbito da REDE DATALUTA no levantamento e sistematização das ações dos movimentos socioespaciais e socioterritoriais no Brasil, sendo coletadas nos espaços Agrário, Urbano, Floresta e Águas. No transcorrer de 2020, países como a Argentina (Agrário e Urbano) e Uruguai (Agrário) se somaram à experiência. Posteriormente no ano de 2023 e somando as atividades do Grupo de Trabalho "Movimentos socioterritoriales em perspectiva crítica e comparada" no CLACSO, coordenado também pelo Prof. Dr. Bernardo Mançano Fernandes.

Neste sentido, a presente edição é fruto de intercâmbios promovidos entre países da região da América Latina e Caribe, com especial menção entre Brasil-Uruguai, valorizando o diálogo entre as teorias e pesquisadores da geografia crítica, sociologia, ciência política, dos

estudos territoriais e saberes construídos em articulação com os movimentos socioespaciais e socioterritoriais. Essa confluência de olhares e experiências tornou possível a emergência de análises comprometidas com a transformação social e a (re)construção metodológica de análise comparativa, fortalecendo tanto a produção científica quanto a incidência política dos estudos.

A proposta que orienta a presente edição especial se fundamenta em uma perspectiva comparativa, entendendo que os movimentos socioespaciais e socioterritoriais urbanos e rurais da América Latina e Caribe compartilham desafios estruturais comuns — como o avanço do capital sobre os territórios, os processos de espoliação e os mecanismos de violência institucional —, mas também produzem respostas singulares, enraizadas em suas territorialidades e trajetórias históricas particulares. Ao enfatizar essa dimensão comparada, os textos aqui reunidos visam não apenas mapear resistências e repertórios de ação, mas também contribuir para a formulação de marcos analíticos que permitam pensar os movimentos e suas ações para além das fronteiras nacionais.

Portanto, este número especial da revista *Formação* adota um olhar mais focado nas metodologias para análise dos Movimentos socioterritoriais e socioespaciais na América Latina e Caribe. Reúne nove artigos referentes à realidade dos movimentos, suas ações, disputas e conflitos territoriais no Brasil, Argentina e Uruguai. Contamos com a participação e apoio de diversos autores e autoras, de universidades nacionais e internacionais em seu processo de construção, organização e finalização. Os textos foram organizados em três eixos temáticos, que evidenciam a diversidade, a multidimensionalidade e a multiescalaridade das ações dos movimentos latino-americanos.

Primeiro Eixo: Metodologias de levantamento e sistematização das ações dos movimentos socioespaciais e socioterritoriais: perspectivas territoriais e latinoamericanas do campo a cidade

O primeiro eixo reúne contribuições e reflexões teórico-metodológicas sobre os procedimentos de levantamento e sistematização das ações dos movimentos socioespaciais e socioterritoriais do campo e da cidade em três países: Argentina, Brasil e Uruguai. O primeiro texto do eixo ***"Territorios urbanos disputados: estudio exploratorio sobre***

acciones colectivas urbanas de movimientos socioterritoriales en Argentina", escrito por Dana Valente Ezcurra, Fernanda Valeria Torres e Mariana Beatriz Arzeno, temos a análise das disputas pela(s) cidade(s), refletindo sobre a apropriação dos territórios urbanos argentinos por meio de ações coletivas que são promovidas pelas organizações, que, por sua vez, compõem os movimentos socioespaciais e socioterritoriais do país. Os autores aprofundam as reflexões acerca dos conflitos urbanos e dos processos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização, tendo como eixo central os movimentos e suas ações no contexto das cidades, contando com um mapeamento de 124 movimentos que realizam 214 ações coletivas.

O segundo texto do eixo "**Aportes Metodológicos para Levantamento e Sistematização das Ações dos Movimentos Socioespaciais e Socioterritoriais Agrários no Brasil (2020-2022)**", foi escrito por Wuelliton Felipe Peres Lima, Joana Tereza Vaz de Moura e Fernando Freitas de Almeida, apresenta os caminhos metodológicos e os principais resultados de uma ampla pesquisa desenvolvida na REDE DATALUTA, no marco do projeto "Movimentos Socioterritoriais em Perspectiva Comparada", com maior especificidade ao Banco de Dados das Lutas por Espaços e Territórios dos Movimentos Socioespaciais e Socioterritoriais Agrários (DATALUTA Agrário). A partir do monitoramento contínuo de ações coletivas registradas pelo Google Alerts, os autores constroem uma tipologia robusta de ações que permite mapear e interpretar as múltiplas estratégias dos movimentos diante do avanço do capital sobre o campo brasileiro. O texto destaca a centralidade do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) nesse processo, enfatizando ações de arrecadação de recursos, comunicação e ocupação de terras como formas de resistência e de mobilização.

O terceiro texto do eixo "**Movimientos Sociales Agrarios en el Uruguay reciente: aproximación a la espacialidad de las acciones durante el año 2022**", construído por Emiliano Guedes Bica, Mauricio Ceroni Acosta, Verónica Etchebarne Palla, Micaela Gómez Lombide, Juan Riet Correa, Lucía Sabía Suarez, Marisol Barneche, Paola Iccardi, Marcela Rondoni Fernández. O texto discute e aprofunda sobre as teorias e os métodos para estudar os movimentos socioterritoriais no Uruguai. No total, a pesquisa identificou 115 ações. A tipologia dos movimentos foi diversa, com maior destaque aos Movimentos Sindical Rural, Movimentos Ruralista-Agronegócio e Movimentos Ambientalistas, evidenciando a diversidade das formas de organização e resistência na luta dos movimentos.

Por fim, temos o quarto texto "***Movimientos sociales Urbanos en Uruguay: una aproximación exploratoria desde la perspectiva de los Movimientos Socioterritoriales***", de Victor Borrás Ramos, Sebastián Aguiar, Juan Alves, Sofia Cardozo, Fiorella Fernández, Marcelo Pérez e Valentina Torre. Com o texto, os autores se propõem a analisar mais de 150 ações coletivas realizadas pelos movimentos urbanos uruguaios entre abril e setembro de 2024, aprofundando a discussão sobre três movimentos: pessoas em situação de rua, ambientalista e feminista. Os autores constaram que as ações são majoritariamente lideradas por movimentos de bairros e sindicatos, tendo nas práticas e estratégias de comunicação a principal ferramenta de diálogo e denúncia, disputando os territórios materiais e imateriais. Para além das ações comunicativas, temos as marchas, concentrações e performances de manifestação, demandando moradia, direitos básicos e preservação socioambiental.

Segundo Eixo: Movimentos socioespaciais e socioterritoriais na construção da agroecologia e da agenda socioambiental: lutas e resistências na América Latina e Caribe

No segundo eixo, temos a centralidade para a importante pauta da agroecologia e da agenda socioambiental nas ações dos movimentos socioespaciais e socioterritoriais da América Latina e Caribe, demonstrando as potencialidades e desafios enfrentados no contexto de avanço do capital sobre os territórios. Nesse contexto, o primeiro texto "***Movimento Agroecológico e Territorialização da Agroecologia no Uruguai***", escrito por Santiago Monteverde, Ana Jacqueline Gómez Terra e Emiliano Guedes Bica, analisa o avanço da agroecologia no país a partir da atuação dos movimentos socioterritoriais que impulsionaram a construção do Plano Nacional para a Promoção da Produção com Bases Agroecológicas (PNA). O estudo evidencia as tensões entre o agronegócio e as propostas agroecológicas, ao mesmo tempo em que destaca os Núcleos Agroecológicos Territoriais (NATs) como iniciativas centrais para fomentar a participação social e a territorialização das práticas sustentáveis. Os resultados revelam a importância da construção coletiva de marcos alternativos de gestão e uso dos bens comuns, assim como da consolidação de redes territoriais que promovem a soberania alimentar, a sustentabilidade e a justiça social nos territórios.

Já o segundo texto do eixo “*Las Agroecologías a Partir de las Acciones de los Movimientos Socioterritoriales Rurales en Argentina Durante 2021: Una Aproximación a las Regiones Pampeana y Noroeste*”, escrito por Andrea Geanina Gómez Herrera e Raul Gustavo Paz, evidência o processo de construção da agroecologia no âmbito dos movimentos socioterritoriais rurais na Argentina. O texto enfatiza duas regiões contrastantes em relação às formas de penetração do modelo de desenvolvimento capitalista: o Noroeste Argentino e a região Pampeana. Os resultados indicam que as ações dos Movimentos Socioterritoriais Rurais argentinos em torno da agroecologia e da soberania alimentar estão fortemente vinculadas às territorialidades dos sujeitos subalternizados de espaços agrários e da interface entre diferentes contextos, como de rural-urbana, bem como às particularidades assumidas pela conflitualidade agrária nas regiões analisadas, envolvendo os camponeses argentinos.

O terceiro texto “*Movimientos Socioterritoriales contra la Expansión de la Frontera Hidrocarburífera en la Argentina Actual*”, de Juan Antonio Acacio, analisa a atuação de movimentos socioterritoriais que resistem à intensificação da exploração de gás e petróleo em três cenários-chave: a formação geológica de Vaca Muerta, o golfo de San Matías e o Mar Argentino. A partir de uma abordagem qualitativa, baseada em entrevistas e fontes secundárias, o artigo evidencia os impactos socioambientais da expansão da fronteira hidrocarburífera e as tensões com os discursos de desenvolvimento econômico apoiados em combustíveis fósseis. Os movimentos analisados articulam perspectivas ambientais, territoriais e climáticas, propondo alternativas ao modelo energético vigente e confrontando a lógica do crescimento econômico ilimitado. Suas ações – que vão do repertório disruptivo ao artístico e pedagógico – visam à visibilização de suas demandas e à construção de outras possibilidades energéticas.

Por fim, com o quarto texto do eixo “*Movimentos Socioterritoriais e Agroecologia: Apropriação do Espaço e Disputas pelas Territorialidades*”, escrito por Fernanda Aparecida Matheus e Carlos Alberto Feliciano, propõe uma reflexão teórica sobre a categoria de movimento socioterritorial a partir da análise das experiências agroecológicas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) em São Paulo. Com base em uma abordagem de pesquisa participante, que articula revisão bibliográfica, observação em redes sociais, trabalho de campo e entrevistas abertas com dirigentes e lideranças do MST, o estudo

examina a produção e comercialização de alimentos agroecológicos em assentamentos e acampamentos espalhados por diferentes municípios paulistas. Os resultados revelam que a agroecologia se materializa como forma de enfrentamento à lógica do agronegócio, ao promover a desterritorialização do capital e a construção de novas territorialidades.

Terceiro Eixo (Parte): Movimentos Socioespaciais e Socioterritoriais na construção do feminismo popular e na disputa por territórios nas Universidades: experiências desde o Brasil

O terceiro e último eixo da presente edição especial enfatiza experiências construídas desde a realidade dos movimentos socioespaciais e socioterritoriais do Brasil, com destaque ao Movimento das Mulheres Camponesas e ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), reafirmando processos de construção popular com perspectivas de gênero e de educação do campo. O primeiro texto "*As resistências dos movimentos socioterritoriais na educação do campo brasileiro e o DATALUTA: análise das Jornadas Universitárias em Defesa da Reforma Agrária*", de autoria de Lara Dalperio Buscioli, Michelly Ariadne Rafael Mióla, Jhiovanna Eduarda Braghin Ferreira e Raquel Buitrón Vuelta, no qual temos uma abordagem sobre as experiências de Jornadas Universitárias em Defesa da Reforma Agrária (JURAs) no Brasil, em 2022, partindo da pesquisa desenvolvida no âmbito da REDE DATALUTA. As autoras evidenciam o protagonismo dos movimentos socioterritoriais, com especial menção ao MST, na construção destes espaços de diálogo nas universidades, aliados à discussão e ao fortalecimento das experiências e reflexões em torno da Educação do Campo.

Já o segundo texto do eixo "*MMC, Lutas E Resistências: O Florescer Do Feminismo Camponês Popular*", de autoria de Noeli Welter Taborda e Janaina Francisca de Souza Campos Vinha, apresenta reflexões acerca do Feminismo Camponês Popular, um projeto em construção pelo Movimento de Mulheres Camponesas - MMC. Neste artigo, encontramos reflexões acerca de como o Feminismo Camponês Popular redefine a relação entre mulheres camponesas e o território rumo a uma nova sociedade antipatriarcal, anticapitalista e antirracista. É dado destaque aos elementos centrais que atravessam o cenário de lutas e resistências do MMC no processo de assumir-se feminista, perpassando o sair de casa, a identidade, o território, o socialismo, o racismo, a agroecologia, a autonomia e a mística. As

autoras concluem que o Feminismo Camponês Popular é a expressão da história de lutas e resistências construídas e vivenciadas pelas mulheres camponesas, pois é nele que as mulheres no campo se percebem como sujeitos, portadoras de direitos e capazes de transformar a realidade.

Para finalizar esperamos com essa edição especial angariar contribuições de diferentes áreas do conhecimentos que expliquem, aprofundem e problematizem as metodologias de análise dessas e de outras ações dos movimentos na América Latina por meio de questões que entendemos essenciais, como por exemplo: Que metodologias existem para a análise dos movimentos socioterritoriais utilizando as novas tecnologias de informação? Que metodologias participativas existem para a análise dos movimentos socioterritoriais/espaciais? Como têm sido analisadas as formas de cooptação dos movimentos pelo Estado/capital? Como é produzido o conhecimento multidisciplinar e interdisciplinar na análise dos movimentos?

Convidamos aos leitores e leitoras embarcarem nesse debate sobre o que há de novo/velho, comum/incomum, distinto e contraditório na forma como a sociedade se relaciona, constrói e destrói espaços e territórios, fazendo a academia e a militância construir um continuum e permanente movimento de transformação das práticas e do pensamento.

Prof. Dr. Carlos Alberto Feliciano (UNESP)

Prof. Ms. Wilians Ventura Ferreira Souza (UNESP)

Prof. Wuelliton Felipe Peres Lima (UNESP)

Prof. Dr. Luis Flávio de Araújo (UNESP)

Prof. Dr. Mauricio Ceroni (UDELAR)

Prof. Ms. Emiliano Guedes (UDELAR)